

VENEZUELA A crise econômica começa a afetar a popularidade do presidente

O furacão Chávez está perdendo a força

BANCO DE DADOS/ZH



Preocupação: especialistas acreditam que a popularidade de Chávez caiu 30 pontos percentuais desde que assumiu o poder, em 1998

RODRIGO LOPES

Dia 20 de junho, uma quinta-feira. No saguão do hotel Yacht y Golf, na capital paraguaia, Assunção, um trio folclórico chamado Los Angeles Paraguayos recebe, ao som de músicas típicas, os chefes de Estado que vão chegando para a Cúpula do Mercosul.

De mãos cruzadas na frente do corpo, cada presidente posiciona-se a cerca de um metro do trio, ouve a música, agradece e sobe para os quartos. Menos um, Hugo Chávez Frías, o tenente-coronel golpista transformado em presidente constitucional da Venezuela. Ele pára pertinho dos cantores e ensaia um acompanhamento. Em poucos segundos, está cantando junto com o trio.

A cena resume o espírito do carismático Chávez e explica em parte o furacão eleitoral que conquistou a maioria dos eleitores venezuelanos no pleito de 1998. Durante dois anos e meio de governo, a comunicação direta entre Chávez e as camadas mais pobres da população foi responsável pela manutenção do seu alto grau de aceitação entre os venezuelanos.

Nos últimos meses, no entanto, a crise econômica que atinge a Venezuela parece ter abalado a lua-de-mel do presidente com a população. Embora pesquisas de opinião não sejam divulgadas há dois meses, acredita-se que a popularidade do presidente tenha caído de 80%, no início do governo, para 50%, atualmente.

— Chávez tem perdido o apoio da classe média basicamente devido à agressividade de seu discurso. Entre os setores popu-

O ESTILO CHÁVEZ DE GOVERNAR

Cinco plebiscitos

- ◆ Substituição de 90% dos juizes e de 80% dos diretores da PDVSA, a estatal do petróleo
- ◆ Nomeação de militares para ministérios, estatais e banco central
- ◆ Controle das eleições da maior central sindical
- ◆ Programas semanais de rádio e TV
- ◆ Pronunciamentos em cadeia nacional de até quatro horas
- ◆ 66 viagens a 45 países, com predileção por nações cujos governos “combatem o imperialismo”, como Cuba, Irã, Rússia, Iraque e Líbia
- ◆ Criação de Círculos Bolivarianos, grupos de cidadãos inspirados nos Comitês para a Defesa da Revolução, de Cuba, conhecidos por espionar a população

lares, já é visível a formação de dois blocos: um grupo que o apóia incondicionalmente e outro que está se tornando um pouco crítico — afirmou, por telefone, Teodoro Petkoff, ex-ministro do Planejamento do segundo governo de Rafael Caldera (1994-1998).

As principais bandeiras de Chávez ao assumir — combate à corrupção, melhoria da segurança pública, criação de empregos e crescimento econômico — mantêm-se como grandes fatores de preocupação da população, que não vê resultados práticos. Entre as propostas estava o investimento de US\$ 4 bilhões para o plano de reconstrução do país, que envolveria também um amplo programa de geração de empregos.

Pouco a pouco, porém, as promessas de campanha começam a virar fumaça. O país é um das potências petrolíferas mundiais, e no entanto, 80% da população é pobre.

— Há duas coisas que preocupam os venezuelanos: o desemprego e a criminalidade. Chávez não deu a devida importância ao assunto — analisa o cientista político venezuelano Aníbal Romero.

Chávez adotou medidas polêmicas

Tirando proveito da idolatria ao herói da independência Simon Bolívar, Chávez sempre arranja um jeito de rebatizar como “bolivariano” tudo que esteja ao seu alcance: Constituição bolivariana, sistema educativo bolivariano e assim por diante. Até o nome oficial do país mudou para República Bolivariana da Venezuela.

O temor, tanto na Venezuela como entre os vizinhos, é sobre como Chávez governará até 2006, caso sua popularidade venha a cair ainda mais. Recentemente, algumas medidas demonstraram um perigoso endurecimento do regime. O presidente anunciou a criação de Círculos Bolivarianos, com o objetivo de defender a sua “revolução bolivariana”. Logo surgiram comparações com os Comitês para a Defesa da Revolução, de Cuba. Teme-se que os integrantes dos Círculos Bolivarianos se transformem em espões do Estado.

Em outra ocasião, afirmou que expulsaria os estrangeiros que fizessem críticas ao país, ao governo e ao presidente. E selou o discurso declarando que, “se a revolução bolivariana não puder ser realizada de forma pacífica, será levada a cabo com o uso de armas”.

Entrevista: Aníbal Romero

“Vivemos uma revolução de mentira”

EL NACIONAL, GDA/ZH

O analista político Aníbal Romero (foto), professor de Relações Internacionais da Universidade Simon Bolívar, de Caracas, não poupa críticas ao falar sobre o governo de Hugo Chávez. Em entrevista, por telefone, a Zero Hora, na semana passada, o pesquisador afirmou que o presidente “está vivendo mentalmente nos anos 60”. A seguir, os principais trechos da entrevista:



Zero Hora — A que o senhor atribui a queda de popularidade de Chávez?

Aníbal Romero — A popularidade baixou um pouco, mas não de uma maneira radical. Ela caiu sobretudo entre a classe média. Nos setores populares, no entanto, Chávez mantém um nível relativamente alto de aceitação, sobretudo se levarmos em conta que ele não tem feito um bom governo.

ZH — Por que Chávez não consegue alavancar a economia venezuelana?

Romero — Falta confiança dos investidores. Não fiam em Chávez porque ele é imprevisível. O que faz com as mãos, destrói com os pés. Um investidor que está em Wall Street e, de repente, vê Chávez abraçado com Saddam Hussein (presidente iraquiano) não coloca seu dinheiro na Venezuela.

ZH — O antiamericanismo de Chávez assusta os estrangeiros dispostos a investir na Venezuela?

Romero — A oposição de Chávez é fundamentalmente teórica. Os americanos costumam dizer que o “latido dele é mais forte do que sua mordida”. Tomemos como exemplo o Plano Colômbia: no início, ele o criticou, mas, depois, acabou por apoiá-lo. Chávez é confuso. Poderia haver muito mais investimentos estrangeiros se ele não cometesse erros. Ele é um esquerdista romântico. Está vivendo mentalmente nos anos 60.

ZH — Quais são os erros do governo Chávez?

Romero — Visitar Saddam, criticar a globalização, lançar ameaças que não cumpre. Vivemos uma revolução de mentira. Apenas de palavras.

ZH — Os Círculos Bolivarianos representam algum perigo para a democracia venezuelana?

Romero — Na prática, isso não avança na Venezuela, porque os venezuelanos não se metem. Eles não estão interessados em uma revolução. Querem um governo honesto, eficaz, que crie empregos. Chávez acha que as pessoas votaram nele para que fizesse uma revolução. Está enganado.

ZH — O que é a revolução bolivariana na prática?

Romero — Na prática, não significa nada. O pensamento político de Bolívar foi formulado para uma circunstância diferente, no século 19. Chávez manipula um símbolo político poderoso. Bolívar é respeitado pelos venezuelanos. Mas é um homem do século 19.

ZH — Chávez se sustenta na popularidade, no apoio dos militares e no alto preço do barril de petróleo. O que acontecerá se um destes pilares ruir?

Romero — Atualmente, o mais vulnerável são os preços do petróleo. A Venezuela tem no momento uma enorme reserva internacional, que possibilita manter o bolívar supervalorizado. Mas o petróleo seguramente baixará de preço dentro de um ou dois anos. Isso vai afetar a capacidade de manobra de Chávez e sua popularidade.

ZH — Chávez representa um perigo para a democracia venezuelana?

Romero — Potencialmente sim, mas até o momento tem sido mais retórica do que realidade. Ele é um homem que tem tendências claramente autoritárias.